



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

AVALIAÇÃO DO HÁBITO INTESTINAL DE ESCOLARES EM MONTES CLAROS, MG

Autores: DIANA ALVES SANTOS, FABIANA APARECIDA MAIA BORBOREMA, VIVIANE MAIA SANTOS, JOSIANE BRANT ROCHA, LUIZA AUGUSTA ROSA ROSSI BARBOSA, MARIA FERNANDA SANTOS FIGUEIREDO BRITO, ANTONIO PRATES CALDEIRA

Introdução

A constipação é um distúrbio gastrointestinal frequentemente de longa duração em crianças e adolescentes, com prevalência mundial variando entre 0,7% e 29,6% (MUGIE, 2011). No Brasil, pesquisas feitas encontraram uma variabilidade de 14,7% a 38,8% na prevalência da constipação em adolescentes. A ampla variação está associada à heterogeneidade dos critérios diagnósticos quanto às diferenças na seleção da população de estudo. Embora os estudos na área tenham colaborado para importantes progressos no diagnóstico e tratamento dessa doença, percebe-se ainda uma prevalência relativamente elevada, porque pouco se tem feito em relação à prevenção e ao diagnóstico precoce (MARIO *et al.*, 2016; SOUZA *et al.*, 2016).

A constipação intestinal é uma desordem de defecação comum que é caracterizada por evacuação difícil, dolorosa e infrequente de fezes duras (KOOPEN, 2015). A fisiopatologia da constipação é complexa e de etiologia multifatorial. Dentre os fatores etiológicos destacam-se as práticas alimentares, círculo vicioso de evacuação dolorosa gerando comportamento de retenção fecal, distúrbios da motilidade intestinal e fatores constitucionais e hereditários (OLIVEIRA, 2006).

Entendendo a importância de se desenvolver programas educacionais que estimulem os adolescentes a procurarem orientação sobre o hábito intestinal levando assim, ao diagnóstico precoce da constipação intestinal, conseqüentemente ao tratamento adequado reduzindo o risco de complicações futuras, o presente estudo teve como objetivo avaliar o hábito intestinal de adolescentes de escolas públicas no Município de Montes Claros, MG.

Material e métodos

Este estudo corresponde à apresentação da análise de dados do projeto de pesquisa intitulado “Saúde na Escola”, que tem como proposta realizar a avaliação nutricional e risco cardiovascular entre adolescentes de escolas públicas. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, descritiva, com caráter epidemiológico e transversal, realizada entre maio e setembro de 2017, com pais e discentes do ensino fundamental das escolas públicas municipais da cidade de Montes Claros - MG.

Para o desenvolvimento do estudo foi feito um cálculo amostral, com base nos seguintes parâmetros: um nível de significância de 5%, uma prevalência estimada de 50% nível de confiança de 95% e um erro amostral de 4%. A amostragem foi conduzida por conglomerados (escolas) e, portanto, o número definido pelo cálculo amostral foi multiplicado por um fator de correção ($deff=2$). Como critérios de inclusão estabeleceram-se: estar matriculado no 6º ao 9º ano, e frequentar regularmente a escola. Foram excluídos do estudo adolescentes portadores de doenças crônicas debilitantes e os que estavam ausentes na sala de aula no dia da entrevista.

O instrumento utilizado neste estudo foi um questionário estruturado e autoaplicável sobre sintomas gastrointestinais pediátricos – Versão Roma III constituído por 13 questões (Bloco D). Os critérios de Roma constituem um sistema desenvolvido para classificar os distúrbios gastrointestinais funcionais (DGIF's). Analisam a presença e a frequência de alguns sinais e sintomas, desde que presentes nos últimos três meses e cujo surgimento tenha ocorrido há pelo menos seis meses, nos quais os sintomas não podem ser explicados pela presença de anormalidades estruturais ou tissulares (BRASIL, 2009). A mais recente revisão desse critério foi publicada em 2006 e atualmente, recomenda-se a adoção dos Critérios de Roma III para o diagnóstico da constipação intestinal funcional e é reconhecido para aplicação na clínica e na pesquisa (BRASIL, 2009).

O questionário foi aplicado em sala de aula, na presença do professor, após consentimento dos pais e/ou responsáveis e do próprio adolescente. Cada escolar foi indagado a respeito dos hábitos intestinais nos últimos dois meses respondendo às seguintes questões: quantas vezes você geralmente fez cocô? Sendo as opções de resposta: 2 vezes por semana ou menos, 3 a 6 vezes por semana, 1 vez por dia, 2 a 3 vezes por dia, mais que 3 vezes por dia e eu não sei. Como era o seu cocô? As opções de respostas eram: muito endurecido; endurecido, não tão endurecido e não tão macio; macias ou muito amolecidas; aquosas; depende (meu cocô nem sempre é o mesmo) e eu não sei. Se o seu cocô era normalmente endurecido, por quanto tempo ele ficou endurecido? Opções de respostas: por menos de um mês; por um mês; por dois meses; por três ou mais meses.

Os dados obtidos foram categorizados e processados eletronicamente por meio de estatística descritiva, utilizando o programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 18.0 calculando a frequência em n e %.

Resultados e discussão

Participaram deste estudo 1475 adolescentes entre o 6º e o 9º ano. A média de idade foi de 13 anos ($\pm 1,34$), sendo 45,9% do sexo masculino. Observa-se que dos 1475 adolescentes, muitos deles consideraram-se com hábito intestinal adequado, sendo 46,1% apresentando evacuação duas vezes por dia a três vezes por semana e 20,6% relataram fezes com aspecto normal. Cerca de 42,2% dos adolescentes não souberam responder sobre a frequência das evacuações e 66,7% não souberam informar o aspecto de suas fezes nos últimos 2 meses. Apesar de muitos adolescentes se considerarem com hábito intestinal normal, a maioria não soube caracterizá-lo dificultando assim a obtenção de dados epidemiológicos confiáveis.

Aproximadamente 11,7% consideraram-se com dificuldade para evacuar fazendo duas vezes ou menos por semana e 9,0% dos adolescentes responderam que as fezes eram endurecidas ou muito endurecidas. Em torno de 6,9% relataram fezes de consistência endurecida por período superior ou igual a três meses. Estes resultados sugerem que estes adolescentes apresentam sintomas que podem vir a desenvolver constipação intestinal. Visto que o número de evacuações, a consistência e o aspecto das fezes, servem de condições para este diagnóstico (VRIESMAN, 2017).



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Considerações finais

A análise dos dados evidenciou uma baixa prevalência de constipação intestinal relatada pelos adolescentes. Entretanto grande parte dos adolescentes desconhecem as características do próprio hábito intestinal. Sendo então necessárias orientações constantes para enfatizar a importância do conhecimento a respeito do hábito intestinal tornando-se possíveis diagnósticos precoces de doenças como a constipação intestinal.

Agradecimentos

Ao Programa de Iniciação Científica Voluntária (ICV) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e FAPEMIG.

Esta pesquisa atendeu aos preceitos éticos estabelecidos pela Resolução n. 466/2012 e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob protocolo n° 1.908.982.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Constipação intestinal no câncer avançado. / Instituto Nacional de Câncer. – Rio de Janeiro: **INCA**, 2009. 36 p.: il.
- KOPPEN, I.J.N.; LAMMERS, L.A.; BENNINGA, M.A.; TABBERS, M.M. Gerenciamento de constipação funcional em crianças: terapia na prática. *Drogas Pediátricas*. 2015; 17: 349-360.
- MARIO, C.V. et al. Conhecimento do pediatra sobre o manejo da constipação intestinal funcional. *Rev Paul Pediatr*. 2016; 34 (4):425-431.
- MARIZA FL. A constipação intestinal funcional em crianças e adolescentes na visão das mães: crenças, sentimentos, atitudes e repercussões sociais. [Tese] Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 2007
- MUGIE, S.M. et al. Constipation in childhood. *Nat Rev Gastroenterol Hepatol*. 2011;8 (9):502–511.
- OLIVEIRA, J.N.; TAHAN, S.; GOSHIMA, S.; FAGUNDES, N.U.; MORAIS, M.B. Prevalência de constipação em adolescentes matriculados em escolas de São José dos Campos, SP, e em seus pais. *Arq Gastroenterol* 2006; 43:50-4
- SOUZA, M.S. et al. Constipação Intestinal: Prevalência e fatores associados em pacientes atendidos ambulatorialmente em hospital do Nordeste brasileiro, *Nutr. clín. diet. hosp*. 2016; 36(1):75-84.
- VRIESMAN, M.H.; et al. Assessing Children's Report of Stool Consistency: Agreement Between the Pediatric Rome III Questionnaire and the Bristol Stool Scale *The Journal of Pediatrics* Volume 190, November 2017, Pages 69-73